

O TEMPO DO ENTREMEIO: A POTÊNCIA CRIADORA DA PALAVRA POÉTICA EM MARÍA ZAMBRANO

THE TIME OF THE BETWEEN: THE CREATIVE POWER OF THE POETIC WORD IN MARÍA ZAMBRANO*

SOLANGE APARECIDA DE CAMPOS COSTA**
UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ, BRASIL

Resumo: Este artigo dedica-se a análise do texto de María Zambrano intitulado *La tumba de Antígona*, a partir da noção de razão poética e metáfora do coração. Esta obra escrita por Zambrano em 1967 apresenta uma interpretação original da tragédia sofocliana. A autora se ocupa em abordar o que acontece com a protagonista Antígona no período que passa encerrada em sua tumba e, na contramão das leituras usuais, caracteriza esse momento como uma espécie de reconhecimento (anagnórisis), resultado de sua transcendência poética. Zambrano descreve uma Antígona capaz de restaurar não apenas o equilíbrio abalado pela tragédia de sua estirpe, mas também a própria força da palavra poética em sua potência criativa e doadora que representa a personagem em sua existência entremeada por um outro tempo, que oscila entre a vida e a morte no cárcere.

Palavras-chave: María Zambrano. Antígona. Palavra poética. Razão poética.

Abstract: This article is dedicated to the analysis of the text by María Zambrano entitled *La tumba de Antígona*, based on the notion of poetic reason and metaphor of the heart. This work written by Zambrano in 1967 presents an original interpretation of the Sofoclian tragedy. The author is concerned with addressing what happens to the protagonist Antígona in the period that ends in her tomb and, contrary to the usual readings, characterizes this moment as a kind of recognition (anagnórisis), the result of her poetic transcendence. Zambrano describes an Antigone capable of restoring not only the balance shaken by the tragedy of his strain, but also the very strength of the poetic word in its creative and donating power that represents the character in his existence interspersed for another time, which oscillates between life and death in prison.

Keywords: María Zambrano. Antigone. Poetic word. Poetic reason.

* Artigo recebido em 06/12/2020 e aprovado para publicação pelo Conselho Editorial em 15/01/2021.

** Doutora em Filosofia pela Universidade Federal da Paraíba, Brasil. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8311834326963041>. E-mail: rmms.scv@gmail.com.

1. INTRODUÇÃO

Os mitos clássicos foram revisados e usados por diferentes escritores ao longo do tempo. É inegável, portanto, a importância que essas histórias exerceram no imaginário da formação cultural da humanidade. A maldição dos Labdácias e o mito de Édipo e Antígona fazem parte desse processo. Antígona despertou, e ainda desperta hoje, o interesse de pesquisadores de diferentes áreas do conhecimento, isso é perceptível pelo enorme material recolhido nos laboriosos e detalhados estudos sobre a recepção, sobrevivência e recriação deste mito nas literaturas ocidentais¹.

No entanto, poucos são os estudos sobre a obra zambraniana que aborda o mito de Antígona. Nesse sentido, o artigo que apresentamos aqui se concentra na obra de Zambrano intitulada *La tumba de Antígona*, escrita em 1967, com o objetivo de entender a originalidade de sua reinterpretação da tragédia sofocliana à luz de outros conceitos da autora como razão poética e metáfora do coração. Tal empreendimento se torna relevante não apenas pela pouca produção teórica brasileira sobre a filósofa, mas também porque a maior parte dela se concentra na área de letras, sendo ainda muito insipiente a produção de pesquisa sobre Zambrano pela filosofia². Ademais a obra em análise, *La tumba de Antígona*³, não figura entre as mais abordadas pelos pesquisadores possuindo um número menor ainda de referências nos periódicos científicos brasileiros, permanecendo portanto, como um rico material ainda a ser explorado.

Zambrano cria sua própria Antígona dirigindo sua interpretação para período que esta passa no limiar entre a vida e a morte em sua tumba. A descrição desse entremeio da personagem criado pela filósofa encontra, ao nosso ver, pontos de intersecção com a poesia

¹ Como se sabe, o número de adaptações, referências e alusões diretas ou indiretas ao mito de Antígona e suas principais figuras da literatura (teatro, poesia e romance) desde a Antiguidade até os dias atuais é praticamente incomensurável. Obviamente não pretendemos aqui dar conta desses estudos, mas atestar a importância que a figura de Antígona exerce na produção teórica de diferentes áreas. A esse respeito o estudo de Bañuls e Crespo (2008, pp. 603-611) cita 258 obras literárias cuja referência é a *Antígona* de Sófocles. Outra referência importante é George Steiner que, no primeiro capítulo de suas *Antígonas*, alude à "opinião generalizada de que a Antígona de Sófocles" é "não apenas a mais excelente das tragédias gregas, mas uma obra de arte mais próxima da perfeição do que qualquer outra produzida pelo espírito humano"(1987, p. 15). Ele encerra seu estudo com as seguintes palavras: "Novas Antígonas estão sendo imaginadas, concebidas, vividas agora; e serão amanhã"(1987, p. 358).

² Tal evidência pode ser comprovada diretamente pelas informações constante nos perfis dos pesquisadores na plataforma lattes e também no banco de teses e dissertações da CAPES.

³ Esse texto, bem como os demais abordados ao longo desse artigo, não possuem tradução em português, assim sendo, optamos por manter os títulos em espanhol, mas nas citações consideramos melhor apresentar uma tradução nossa para facilitar a leitura.

hölderliniana e com a criação da palavra poética como um dizer vigoroso e alternativo ao convencional.

Nossa análise se concentrará no prólogo que Zambrano desenvolve para *La tumba de Antígona* entrelaçando sua interpretação da tragédia de Sófocles à concepção de razão poética e metáfora do coração, elementos-chave que atravessam a maior parte dos textos da autora. No entanto, antes de discutirmos especificamente a temática desse artigo, convém abordar brevemente algumas considerações relevantes sobre o a trajetória de Zambrano, dado que esta é pouco conhecida, tanto fora quanto dentro da própria academia.

2. O PERCURSO DE MARÍA ZAMBRANO

María Zambrano (1904-1991) foi uma importante pensadora espanhola que escreveu uma vasta obra constituída por textos literários e filosóficos. Apresenta neles uma visão aguda e original de sua época, sendo estudada por diferentes pesquisadores, mas no Brasil ainda são recentes as produções sobre a autora.

Zambrano nasce em 1904 em Vélez-Málaga, Espanha, e passa grande parte de sua infância e adolescência na Segóvia. A pensadora teve uma formação política muito forte advinda dos seus pais, pois consta que eles compartilhavam posturas anarco-socialistas, fato que possivelmente proporcionou a autora, a logo cedo, aos dez anos de idade, escrever seu primeiro artigo sobre os problemas políticos da Europa. Aos 24 anos muda-se para Madri, onde inicia seu curso universitário e realiza estudos de filosofia e letras tendo contato com os professores Ortega y Gasset e Xavier Zubiri, pensadores que marcarão profundamente seus escritos.

Na época, Zambrano já se destacava pelo fato de ser uma das poucas mulheres na universidade que se dedicava aos estudos filosóficos, campo predominantemente masculino. A autora foi uma figura muito ativa, participou dos movimentos estudantis da Espanha no período pré-guerra civil, ao qual contribuiu intelectualmente através de diversos artigos em publicações filosóficas da época, adquirindo muitos contatos do movimento revolucionário, o que lhe garantiu convites posteriores para dar contribuições universitárias na América Latina, como em Cuba, México e Porto Rico. Participou dos movimentos sociais de seu país de origem, pela manutenção da República Espanhola, fato que não se consumou, levando ela e outros intelectuais republicanos ao exílio.

A história do pensamento de Zambrano tem, portanto, uma relação muito forte com as mudanças e transformações políticas e educacionais da Espanha. A mudança no ensino universitário espanhol no período da segunda República, entre os anos de 1931 a 1939, possibilitou a articulação de diferentes grupos estudantis de intensa atividade intelectual, como por exemplo a Escola de Madri, grupo de intelectuais do qual Zambrano fez parte no início de sua vida acadêmica, descobrindo estudos sobre ontologia. Com bastante influência da fenomenologia de Husserl, a Escola de Madri vai sobretudo em direção ao pensamento de Ortega y Gasset, até dissolução e exílio de parte dos seus integrantes, incluindo Zambrano.

Nesse contexto,

(...) a Escola de Madrid se divide entre os membros que se mantiveram na Espanha (Julián Marías, Morente) e os exilados na América de (José Gaos, Recaséns Siches, Manuel Grannel, María Zambrano e Aranguren), porém, em sentido estrito tenha desaparecido sua unidade ao dissolver-se a plataforma universitária da qual operava, e também por haver Ortega y Gasset renunciado voluntariamente sua liderança - apesar de encontrarmos preservados, no nosso entender, traços perenes de sua filosofia naqueles que foram seus discípulos diretos (GONÇALVES, 2007, p.159).

Os escritos de Zambrano, durante o período da Escola de Madrid até o seu exílio (1924-1939), são em sua maior parte de teor político e crítico com relação à situação do governo espanhol de sua época, no que tange a situação da república e da eminente instauração de um governo autoritário⁴.

O percurso traçado por Zambrano durante o exílio teve como início a França, partindo depois para a América Latina, onde atuou nas universidades do México, de Porto Rico e Cuba. Neste período, entra em contato com o pensamento do poeta mexicano Otávio Paz, desenvolvendo pesquisas voltadas para a investigação da fronteira entre filosofia e poesia. Em 1953 retorna a Europa, em uma condição de extrema pobreza, pois passou a morar dividindo residência por onze anos na companhia da sua irmã Araceli, com quem teve uma profunda relação, e de 13 gatos. É somente em 1964 que Zambrano retorna para Paris e lá fixa residência definitiva, de modo a dar continuidade ao seu pensamento filosófico enriquecido das experiências na América Latina e dos contatos intelectuais encontrados durante o percurso. No entanto, é somente em 1966 que Zambrano tem seu pensamento reconhecido em sua própria pátria, a Espanha, através de publicações a seu respeito.

⁴ Zambrano foi forte opositora ao Regime de Franco que se instaura na Espanha de 1939 a 1975.

Entretanto, é apenas em 1981 que retorna definitivamente a sua cidade natal, Vélez-Málaga, já em um período onde sua saúde encontra-se bastante debilitada. Falece em 1991. Zambrano hoje é considerada como a principal e mais inovadora filósofa da Espanha do século XX, sendo em 1988 a primeira mulher a ser agraciada com o Prêmio Miguel de Cervantes.

O percurso traçado por Zambrano é bastante rico filosoficamente, tendo em vista seu contato no decorrer da sua vida com diversos pensadores, poetas e artistas importantes, com quem pode dialogar, como Sartre, Simone de Beauvoir, Picasso, Albert Camus, além dos professores Ortega y Gasset, Zubiri e Garcia Morente, citados anteriormente. A instigante tarefa à qual se propõe Maria Zambrano, na maior parte de seus escritos, é a de investigar a relação que a filosofia tem com o fenômeno poético, em aproximação ao pensamento de dois outros pensadores que a influenciaram bastante: os poetas e filósofos Miguel Unamuno e Antonio Machado.

Zambrano produziu ao longo de sua vida uma obra extensa que congrega diferentes estilos e abordagens, mas o que mantém a unidade de seu pensamento é, sobretudo, uma visão que reelabora a tradição metafísica ocidental, garantindo aquilo que sempre foi desprezado pela filosofia um lugar de destaque, qual seja, o pensamento marginal, o indizível e impenetrável que normalmente é secundário nas obras dos grandes filósofos. Isso se dá, ao nosso ver, porque a vida de Zambrano também partilha dessa marginalidade. Ela que passou grande parte da sua vida em exílio, aprende com os contatos e experiências das regiões por onde passa que é possível ser de outro modo, além do que foi estabelecido pelos cânones discursivos oficiais.

Segundo Benito e Fuentes em Zambrano:

A reflexão sobre a história do pensamento ocidental estende-se a uma rede ilimitada de conexões com mitos, símbolos e crenças das grandes religiões e suas tradições místicas; a reflexão sobre a crise da Europa e da filosofia europeia se converte em uma inusitada visão da Antiguidade Clássica; ‘o outro’, o lado de baixo da realidade visível se transmuta em uma reivindicação original de tudo o que ficou marginalizado no processo acelerado de entronização da razão: as paixões e os sentimentos, a alma humana, as áreas marginais da realidade, as vítimas, os vestígios e fragmentos do passado, os sonhos e a esperança na vida para além da história, dos deuses e do sagrado. (BENITO; FUENTES, 2004, p.09).

Por isso, a abordagem que Zambrano faz do pensamento originário dos gregos, e aqui se insere sua ousada reinterpretação do mito de Antígona, não é um mera retomada de concepções que foram reiteradamente esquecidas ou abandonadas, mas é uma criação totalmente inovadora de um lugar que permaneceu não pensado pela filosofia e que mescla

a história e as vivências da própria autora com a concepção de uma outra forma de compreender o mundo, gestada na periferia do pensamento.

Antes de adentrar propriamente na discussão proposta por Zambrano, na obra cerne desse artigo, convém tematizar de modo preliminar os conceitos de razão poética e metáfora do coração que atravessam não apenas esta obra, mas toda a produção zambraniana.

3. UM OUTRO LUGAR PARA O PENSAMENTO: A RAZÃO POÉTICA E A METÁFORA DO CORAÇÃO

As grandes fontes de estudo e pesquisa de Zambrano estão voltadas para o passado, a partir do interesse na origem da filosofia no mundo grego antigo, do pensamento pitagórico e de Sêneca, trabalhando com temas da Ética e da Metafísica. De todas as influências que a pensadora recebeu na sua trajetória acadêmica, a que mais ficará arraigada em sua filosofia é a de seu mestre Ortega y Gasset, pois vários temas e noções trabalhados pela autora foram assimilados do pensamento de seu principal mestre, mas que ganham com ela, uma interpretação original. A crítica à racionalidade tradicional trazida pelo conceito de raciovitalismo orteguiano foi essencial para o desenvolvimento da razão poética zambraniana, pois ambos conceitos englobam, simultaneamente, a crítica a uma razão humana que exclui problemas fundamentais do indivíduo, além de incorporar um pensamento que se contrapõe aos conceitos abstratos da filosofia tradicional.

A temporalidade define um dos problemas essenciais da filosofia, uma vez que tanto ela como a poesia nascem justamente pelo espanto e admiração frente ao que nasce e ao que morre, ou seja, ao que é perpassado pela ação inflexível do tempo. Deste modo, a implacável ação do tempo sobre o ser humano, que determina sua finitude, demanda que este, tanto como filósofo ou como poeta, apresente uma solução criadora para o sentido da sua própria existência. Em síntese, a análise que Zambrano estabelece entre filosofia e poesia é a de que ambas apresentam respostas provisórias e imaginativas do homem a fim de se curar das feridas do tempo.

A famosa afirmação de Ortega y Gasset: “Eu sou eu e minha circunstância, e se não a salvo também não poderei me salvar” (1967, p.52), demonstra que o homem é as suas circunstâncias, ou seja, sua vida em si seria a única realidade radical. Nesse sentido, a razão é apenas um atributo da vida, pois todo conhecimento advém da própria vida e não da chancela de uma razão. Logo, seria necessário se concentrar na própria vida e não no estabelecimento

de conceitos abstratos, como se eles fossem precursores da vida em si mesma. Assim, a filosofia de Ortega y Gasset estabelece tanto um racionalismo, a razão como um modo de ser do homem, como vitalismo, isto é, o pensamento da noção de vida como algo vital, sem o qual não há pensamento. Dito de outro modo, a razão se dá na própria vida. A razão é vital e dialoga com tudo aquilo que circunda o homem, ou seja, as suas próprias circunstâncias.

Zambrano soube recolher e cultivar sementes de pensamento de seus mestres que depois germinaram de forma original em sua filosofia. A partir dessa noção de raciovitalismo orteguiano, na qual se percebe certa queixa com relação a noção de razão tradicional à medida que esta, no início da filosofia, se questionava “Que é isto?”, “Que são as coisas?”, no pensamento de Zambrano ocorre uma outra abordagem no qual o ser que pergunta é colocado em questão. Dessa forma, a questão se volta para aquele que questiona, ou seja, “quem é este que pergunta?”, “a quem as coisas ocorrem?” e “como me ocorrem?”.

A formulação dos questionamentos pela via da razão se dá em virtude da percepção temporal do ser humano, isto é, da percepção clara de sua finitude, de sua facticidade. Esta perspectiva dá uma noção trágica para a vida, sendo esta vista desta perspectiva finita, temporal. A vida, portanto não é toda racional, pois a razão é apenas uma parcela dela. Nesse sentido, há toda uma parte da vida que a razão não abarca mas que, como parte constituinte dela, é de grande importância para o pensamento. Para Zambrano, essa parte que a razão não cobre é o ponto chave da sua filosofia⁵, o lugar onde somos afetados pela vida de tal modo que é preciso pensar para além dos termos oferecidos pelo plano categorial da razão tradicional.

Esta ambigüidade característica da condição humana, entre razão e vida, será o norte para a grande questão de Zambrano que culminará na compreensão de sua razão poética. Para a autora, a existência pressupõe uma relação paradoxal entre esses polos, na qual a vida se afirma abraçada emocionalmente à razão. Razão esta que não é parte de uma razão maior, mas que é a razão mesma, por isso poética, pois abrange o todo de maneira integral.

⁵ Esse lugar intermediário que permanece encoberto pela noção clássica de razão será explicitado por Zambrano na obra *Hacia um saber sobre el alma* como elemento que a despertará para o fazer filosófico, qual seja, a “penumbra tocada de alegria”. (2005, p.10). Essa ambiência indivisa onde a escuridão convive e dança com a própria luz que lhe adentra será importante tanto para compreender a noção de razão poética que aparecerá em 1937, num texto sobre o poeta Antônio Machado, como também para elucidar a concepção de metáfora do coração, bem como para demonstrar a zona intermediária na qual Antígona se encontra na obra que pretendemos analisar.

Maria Zambrano se utiliza da linguagem metaforizada para exemplificar seu conceito vital. Fato que remonta a influência importantíssima recebida pelo poeta Antonio Machado, autor do famoso poema conhecido como “Caminhante”⁶. Da mesma forma que, conforme Antonio Machado em seu poema, não há caminho para o caminhante que não seja o próprio caminhar, o exercício de ser do humano não está definido racionalmente, mas se define pelo abertura de caminhos que a razão realiza ao pensar. Esta concepção encontra-se paralela tanto em Ortega y Gasset, com afirmação de que o ser humano é suas circunstâncias; como em Martin Heidegger, cuja a ideia *Da-sein* (ser-aí), também é definida como um eterno projetar-se no tempo.

Para Zambrano,

Mesmo que para alguns mortais afortunados, poesia e pensamento possam ter ocorrido ao mesmo tempo e em paralelo, ainda para outros mais afortunados ainda, poesia e pensamento possam ter sido trabalhados como uma única forma expressiva, a verdade é que o pensamento e a poesia se enfrentam seriamente em toda a nossa cultura. (ZAMBRANO, 1996, p. 13).

Nesta esteira de compreensão em que filosofia e poesia andam separadas é que se assentou o pensamento tradicional. Deste modo, filósofo e poeta seriam metades separadas e identificadas, respectivamente, pelas características do “querer ser” e a outra pelo encontro do dom e da graça do “deixar-se ser”. “Querer ser”, para a filosofia, representa a teorização em excesso das coisas que já são, na busca racional de criar conceitos em cima de conceitos que já são conceitos pelo factual de sua existência em si. Para a poesia, “deixar-se ser” se constitui na relação originária de criação, que rompe com a perspectiva da tradição racional à medida que não conceitua a realidade, mas se apropria da própria relação de criação inerente ao humano.

Fernanda Henriques aponta (2012, p. 10) que a concepção zambranianiana de razão poética ultrapassa os elementos que se estabelecem a partir de uma separação entre o “valor ontológico e existencial da poesia”. A dicotomia que acompanhou a história do pensamento ocidental, e que veio ao longo do tempo divergindo o ser do existir, coaduna na reflexão zambranianiana pela retomada da integridade que havia se dado na aurora do pensamento

⁶ Na verdade o poema se intitula “Provérbios e Cantares”, é o poema XXIX da obra *Campos de Castela* de Antonio Machado, que aqui reproduzimos em excerto: “Caminhante, são teus passos/o caminho e nada mais;/ Caminhante, não há caminho,/ faz-se caminho ao andar./ Ao andar se faz caminho,/ e ao voltar a vista atrás/ se vê a senda que nunca/ se voltará a pisar. Caminhante, não há caminho,/ mas sulcos de espuma ao mar.” (MACHADO, 2017, p. 102)

poético. Tal momento, anterior a todo e qualquer pensamento desagregador se daria pela via de três traços fundamentais definidos como: o amor, a recomposição e a gratuidade.

Segundo Fernanda Henriques:

A razão poética é uma razão de amor, porque é “reintegração da rica substância do mundo”, ou seja, porque procura a reunião, a ligação. Se atendermos à definição dada – “reintegração da rica substância do mundo” – temos de reconhecer nesta racionalidade a vontade de restituir algo perdido para que a riqueza do mundo se recomponha. Ou seja, algo se cindiu e essa cisão foi um empobrecimento; restaurar a perdida riqueza do mundo supõe superar essa cisão e retornar a uma unidade originária. (HENRIQUES, 2012, p. 12).

A razão poética restituiria, portanto, essa unidade originária através de uma escuta e atenção benevolente à palavra poetizada que não é a mesma que se cristalizou no pensamento filosófico. O poeta, nesse sentido, permite restabelecer a relação primeva entre as coisas no mundo, desvelando os laços que ligam o ser ao existir, ou seja, a ontologia à existência. O que sustenta a relação entre esses termos é a palavra poética que não provém do discurso mediado pela razão tradicional, mas por um outro dizer que escapa ao pensamento conceitual vigente. Essa outra fala cria um intervalo na lógica discursiva que possibilita e estimula a invenção. Então, nesse espaço não definido ainda pelo pensamento é que se dá o lugar constitutivo de uma palavra não nascida e, justamente por isso, preenche de ser.

Segundo Abellán:

A "razão poética" aparece como *poiesis*, isto é, como faculdade inventora. Esta nova versão da razão ocidental se revela a nós como abarcadora das várias versões que a razão teve ao longo de nossa tradição cultural. E é nela que o homem é sobretudo "inventor", isto é, criador de um projeto que o constitui como o artífice de seu destino. (2006, p.92).

A razão poética tematizada por Zambrano, ao longo de toda sua produção teórica, pode ser melhor compreendida junto a um outro elemento caro também a filósofa, qual seja, o uso da metáfora. A metáfora é criadora de imagens e possibilita ao pensamento o uso de um outro recurso de compreensão. Neste sentido, por não estar viciada pela relação imediata entre as palavras e os conceitos, a metáfora aponta, pela via imagética, uma linguagem independente da lógica convencional e assim, abre espaço para o lugar da invenção. Por isso, Zambrano utilizará de diferentes metáforas nos seus textos, para mostrar a potência que a linguagem poética (*poiesis*) propicia ao pensamento filosófico.

Em seu texto chamado *A Metáfora do Coração*, Zambrano trabalha uma noção de conhecimento mais inclusiva e abrangente e que salva o conhecimento da ruptura radical

entre luz e sombra evidenciada desde Platão e seus intérpretes, na alegoria da caverna. O texto é um fragmento constituído de dezesseis parágrafos curtos divididos em quatro subtítulos, datado de 1944, período em que a autora já fazia uso do conceito de razão poética para pensar sua filosofia.

Nesse texto a autora condena o esforço infrutífero do homem de buscar um conhecimento absoluto que consiga decifrar totalmente o real. Para Titus: “a metáfora do coração é para Zambrano, a conquista de postular uma forma de conhecimento, no lugar de definir uma realidade sem fim pela razão entendida segundo o cânone ocidental” (TITUS, 2000 p. 81). Nesse caminho, o texto indiretamente estabelece que há dimensões de conhecimento da realidade cujo o único acesso é o da metáfora “(...) única forma na qual certas realidades podem tornar-se visíveis aos torpes olhos humanos.” (ZAMBRANO, 2000, p.19). E será portanto, pela via da metáfora que se mostra possível explorar esse caminho inaudito de formação de uma proto-linguagem, que emerge ao largo da razão da transparência estabelecida pela tradição. Esta é dimensão que se dá nas entranhas do pensamento.

Nas palavras de Zambrano: “O coração é a víscera mais nobre porque leva consigo a imagem de um espaço, de um dentro obscuro secreto e misterioso que, em algumas ocasiões, se abre” (2000, p. 23). Cabe portanto ao ser humano atender a esse chamado do coração em sua rara abertura, a fim de pensar a realidade fora do estatuto canônico da linguagem corrente. Nesse espaço obscuro opera uma outra linguagem, provinda das entranhas, das vísceras não nominadas que conduzem à razão poética e à metáfora e imbuem também o entremeio apresentado por Zambrano na sua leitura do mito de Antígona que veremos a seguir.

4. ANTÍGONA E A TRANSCENDÊNCIA POÉTICA DO TEMPO INAUDITO

A obra de Zambrano *La tumba de Antígona* é composta por um prólogo e onze cenas que tratam dos diálogos e monólogos que a protagonista realiza no período em que ficou encerrada em sua tumba por determinação de Creonte, rei de Tebas.

Essa obra não é a primeira que Zambrano escreve sobre a personagem Antígona, pelo que parece o seu interesse por ela se inicia muito antes, já na década de 40 a autora publica um ensaio na Revista *Orígenes* de Cuba com o título “El delírio de Antígona” no qual apresenta certas características da personagem que serão retomadas posteriormente. Em 1965, Zambrano dedica um capítulo de seu livro *El sueño creador* novamente a protagonista

com o nome “El personaje autor: Antígona”. Por fim, em 1967, Zambrano escreve a obra que iremos tematizar nesse tópico, um texto que transita entre o teatro e o ensaio, entre a prosa filosófica e a própria poesia, universos sempre relacionados no pensamento da autora.

Podemos inferir que talvez a retomada constante da história da personagem revele uma aproximação mais particular de Zambrano com Antígona. O exílio Antígona, para o qual é projetada desde a sua mais tenra infância se assemelha ao da filósofa, que passa parte considerável de sua vida em outros países. Segundo Abellán: “O túmulo de Antígona [é] uma obra em grande parte autobiográfica, uma vez que ela se identificou com a figurada “Antígona”; María Zambrano também se viu enterrada em vida e identificou seu itinerário biográfico como um rito sacrificial.” (2006, p. 49). Isso mostra que tanto Zambrano, como Antígona sofrem as consequências de uma guerra que não lhes pertence e ambas criam no próprio desterro um outro modo de ser, encontram no não-lugar, cada uma a seu modo, o seu lugar.

A obra *La tumba de Antígona* a princípio impacta o leitor por não se adequar a um gênero literário convencional. O texto não possui as notações típicas do teatro que permitam recriar o tempo e espaço no qual a ação acontece. As falas das personagens ao longo das cenas são entrecruzadas por longos monólogos e digressões da protagonista. Não há referências visuais para as cenas, por isso, mesmo que seja possível caracterizá-la como uma peça de teatro, tudo leva a crer que o objetivo de Zambrano não era encená-la e aí reside novamente a originalidade da autora, qual seja, ela não cede a um gênero específico para caracterizar sua obra. *La tumba de Antígona* já nasce, portanto, como um texto inovador e híbrido que mescla diferentes linguagens literárias, criando da própria matéria de que é feita um drama inventivo, que flerta ora com o teatro, ora com a prosa filosófica.

Zambrano apresenta nessa obra uma interpretação singular do mito de Antígona, primeiro porque se concentra em descrever o período intermediário entre a vida e a morte da personagem, momento que nem Sófocles, nem todos outros intérpretes se encarregaram de fazer. Segundo, porque atribui a esse período uma espécie de *anagnórisis* da personagem, pela qual realiza sua transcendência. Será nesse intervalo sem um tempo específico determinado, acrônico por natureza, que Antígona encontrará seu próprio tempo, sua cadência, e selará finalmente seu destino.

O prólogo desenvolvido por Zambrano antes do início da peça inicia por estabelecer para a personagem uma outra possibilidade que não a da morte iminente, como Sófocles deixara entrever em sua peça. Assim, o tempo em que a protagonista zambraniana

passa enclausurada é o conteúdo da obra, momento no qual pela primeira vez Antígona pode perceber a si mesma.

Antígona é aquela que sempre doou para os outros força e determinação de vida, mas não teve para si, direito de ser. Vivia para o pai cego, para o irmão insepulto, para o noivo, para a cidade. É somente nesse ínterim diante da morte que Antígona finalmente dispõe de tempo para si e o que faz disso demonstra a altivez de sua percepção. Ela encontra nas trevas, na escura tumba que a rodeia, nos outros personagens que a visitam e com ela dialogam, o reconhecimento de si mesma. No entanto, esse processo ocorre numa lenta expiação que leva consigo o destino de toda sua estirpe. Por isso seu sacrifício não é meramente individual e subjetivo, mas carrega as faltas de toda sua raça. Antígona impõe-se, assim, como a metáfora perfeita das entranhas da própria vida que Zambrano apontara anteriormente no fragmento *A metáfora do coração*. O encontro de Antígona com sua própria história, o seu exílio e o sofrimento pelo qual passara toda sua família, levam a personagem a revirar suas entranhas, não como um flagelo que não finda, mas como vida que pulsa no seu próprio interior. “Nascia assim entrando na cova escura, tendo que ir consumindo-se só, entrando em suas próprias entranhas.” (ZAMBRANO, 1986, p. 214). Antígona enterrada viva, faz do coração brotar a força capaz de criar um novo nascimento, um espaço outro que a linguagem do trágico não conseguira reproduzir. Em *A metáfora do coração* a filósofa afirma:

Profundo é aquele espaço criado pela ação de algo não feito para estar no espaço e que o cria para que alguém que vive no espaço e ande por ele possa contactá-lo. A profundidade impõe tanto e é tão misteriosa porque é o espaço que sentimos criar-se, pela ação de algo que está a ponto de trair o seu ser para oferecê-lo numa entrega suprema, como é toda entrega daquilo que não se tem primeiramente e se adquire para entregá-lo a quem somente assim pode ir a quem o chama. O profundo é uma chamada amorosa. Por isso toda gruta atrai. (ZAMBRANO, 2000, p. 24).

A enigmática passagem reproduzida acima pode muito bem ser aproximada à ação da própria Antígona que cria no espaço-tempo indeterminado do seu entremeio, na zona intermediária que oscila entre sua vida e sua morte, um espaço possível para todos aqueles marcados pela sucessão de erros da sua tragédia familiar. Antígona, na solidão profunda de sua tumba, encerra o mal que cercara toda sua estirpe e realiza o que Zambrano denominará de “plenitude da consciência”. Ela que nada detém, por pura doação, entrega amorosamente a si mesma.

Essa passagem para uma consciência mais elevada ocorre lentamente ao longo de toda a peça, avança nos diálogos com os demais personagens, mas se revela sobretudo nos

monólogos que Antígona realiza sobre sua própria história. Nesses trechos a protagonista descobre sua mais profunda solidão. Na verdade ela percebe que a solidão a constitui. Ela está como sempre esteve, apartada dos deuses, mas também dos homens. Solitária, abandonada da presença das divindades que sempre guiaram os heróis e as cidades, encontra no silêncio dessa ausência o refúgio para construir uma outra Antígona, e para isso, assume a tarefa da expiação pelo seu próprio sacrifício.

Segundo Zambrano:

E o suplício ao qual Antígona foi condenada parece ser dado justamente para que tenha tempo, um tempo indefinido para viver sua morte, para apurá-la e apurando ao mesmo tempo sua vida, sua vida não vivida e com ela, junto dela, o processo trágico de sua família e de sua cidade. E essa última dimensão de sua condenação, a que caracteriza a tragédia grega, resplandece até o extremo em Antígona: o abandono; o abandono total de seus deuses. (ZAMBRANO, 1986, p. 205)

Nesse ponto é possível tecer uma ligação entre o sacrifício vivido pela personagem e o fazer poético que talvez tenha instigado de algum modo o pensamento de Zambrano. Não ao acaso, o abandono dos deuses é tema também da poesia hölderliniana que define na elegia “Pão e Vinho” o momento de ocultação dos deuses como um martírio, um luto para o homem. A passagem do poema se assemelha ao sofrimento da própria Antígona zambranianiana, que assume para si mesma, nesse afastamento dos deuses e dos homens, um tempo exclusivo, para se refazer a partir das suas próprias entranhas.

Dirá o poeta alemão num caminho parecido com o da personagem:

E acontece que há algum tempo, que nos parece remoto,
Quando todos os que dão sabor à vida desapareceram nos céus,
Quando o Pai apartou o seu rosto dos homens,
E com razão o luto cobriu a terra
Surgiu por último um gênio sereno, portador de
Consolações celestiais. (HÖLDERLIN, 1992, p. 59)

Hölderlin comenta também sobre o surgimento de um *gênio sereno*. Esse “gênio sereno” é o poeta que preserva algo daquele vínculo original e reestabelece a paz pela palavra. A poesia retira, nesse sentido, a angústia do homem causada pelo afastamento da divindade. O poeta seria, então, uma das causas possíveis de uma nova reedificação perante a situação de ausência dos deuses.

A consolação de Antígona também acontece pela palavra poética, pois é ela que sustenta o seu renascimento. A palavra ainda não nascida, que emerge da escuridão de sua tumba, resguardada, preservada do falatório que se dá na superfície. Uma palavra “que a

razão filosófica se furta em revelar e estabelecer e a razão poética em resgatar” (ZAMBRANO, 1986, p. 206). E é justamente isso que Antígona realiza, ela reconta sua própria história, repara o tempo não vivido, recria pela palavra poética o abismo da sua existência. Promove “um sacrifício vivificante, como todos os que são verdadeiros. Neste caso graças a palavra poética, ela também virginal.” (ZAMBRANO, 1986, p. 216).

Mas o que permite a Antígona realizar, na interpretação de Zambrano, esse segundo nascimento? Além do fato dela estar num tempo intermediário entre a vida e a morte, de se encontrar também totalmente sozinha, isolada da presença divina, Antígona representa a imagem da virgindade pura. Seu sacrifício é o de alguém que ainda não viveu, que tem diante de si todas as possibilidades não acontecidas. Antígona é o cordeiro perfeito, a impoluta oferenda sacrificial. Inteira, ela segue para morte sem filhos, sem esposo, sem pais, sem irmãos, sem pátria. Totalmente despossuída e, precisamente por isso, sua palavra se torna também virginal como ela. Nesse entremeio da despossessão, Antígona dá à luz a palavra poética.

Segundo Cuervo: “O sacrifício de Antígona é então revelação da piedade, a qual requer, como todo testemunho, visão e memória.” (CUERVO, 2010, p.177). Ao abraçar o seu destino, Antígona como o poeta hölderliniano, purifica através do seu sacrifício a memória ancestral de sua família e de toda humanidade ainda por vir. Ela mantém a integralidade da palavra inaudita e alimenta a potência poética da própria vida. Antígona é *atopos*, aquela que não tem lugar, mas nesse espaço indiviso resguarda a palavra poética para que os poetas vindouros possam usá-la. Doa sua vida para que o inaudito seja vivificado por ela. Tal como assevera Zambrano em outro texto sobre a personagem intitulado *Delírio de Antígona* (1995, p.72):

(...) geme Antígona, a enterrada viva: Não podemos deixar de ouvi-la pelas fendas de seu túmulo. Ela segue delirando, esperançosa, justiça sem vingança, clareza inexorável, consciência virgem, sempre alerta. Não podemos parar de ouvi-la, porque o túmulo de Antígona é nossa própria consciência obscurecida. Antígona está enterrada viva em nós, em cada um de nós.

Antígona é pois signo de uma palavra que supera a tensa relação que a filosofia e a poesia estabeleceram ao longo do tempo. Nós, os obscurecidos pela falsa pretensão de poder da razão instrumentalizada, estamos surdos para ouvir a palavra poética, por isso a necessidade de conhecê-la de um outro modo, pelo pranto pungente de Antígona. É urgente que despertemos essa consciência nascida das entranhas da protagonista, mas que ela

também se alce em nós. Que façamos de seu lamento um canto e desse canto reconhecamos a potência criadora da verdadeira palavra poética.

5. NO TATEAR DE UMA CONCLUSÃO

Procuramos esboçar ao longo dos tópicos precedentes alguns elementos que demonstram a relação das noções zambranianas de razão poética e metáfora do coração à obra *La tumba de Antígona*. Longe de exaurir a discussão, o que se pretendeu foi justamente mostrar o rico material de reflexão que o texto zambraniano oferece aos seus leitores. Com isso, mais do que apenas apresentar os caminhos possíveis a serem tomados numa interpretação de sua filosofia, o que se tentou fazer aqui foi manifestar a emergência de criar ou restaurar um outro modo de pensar, que não exclua o pensamento produzido à margem da academia e da norma.

Nas palavras de Todorov:

[...] durante vinte e cinco séculos tentaram fazer crer que o real é uma razão suficiente da palavra; durante vinte e cinco séculos foi preciso reconquistar o tempo todo o direito de perceber a linguagem. A literatura, embora simbolize a autonomia do discurso, não foi suficiente para derrotar a ideia de que as palavras refletem as coisas. A característica fundamental de toda a nossa civilização é ainda essa concepção da linguagem-sombra, de formas que se sabem mutáveis mas que nem por isso deixam de ser consequência direta dos objetos que elas refletem. Estudar o verossímil equivale a mostrar que os discursos não são regidos por uma correspondência com seu referente, mas por suas próprias leis, e a denunciar a fraseologia que, nesses discursos, quer nos convencer do contrário. Trata-se de retirar a linguagem de sua transparência ilusória, de aprender a percebê-la e de estudar ao mesmo tempo as técnicas de que ela faz uso para [...] deixar de existir a nossos olhos. (2003, p.114-115)

Quem sabe assim nossa linguagem possa se abrir a uma reinterpretação completamente inovadora dos clássicos, como fizera Zambrano, e que nossa fala seja forjada da mesma matéria audaciosa que impeliu Antígona a nascer de novo ao se embrenhar por um caminho ainda inaudito.

REFERÊNCIAS

- ABELLÁN, José Luis. **María Zambrano: Una pensadora de nuestro tempo**. Rubí (Barcelona): Anthropos Editorial, 2006.
- BAÑULS ÜLLER, J. V; CRESPO ALCALÁ, P. **Antígona(s): mito y personaje**. Un recorrido desde los orígenes, Bari, Levante Editori, "Kleos" 16, (2008).
- BENEYTO, J.M.; GONZÁLES FUENTES, J.A. (coord.). **María Zambrano: la visión más transparente**. Madrid: Editorial Trotta, 2004. (p. 61 - 75).
- CUERVO, Antolín Sanches; ANDRÉS, Agustín Sánchez; DÍAZ, Gerardo Sánchez. **María Zambrano. Pensamiento y Exilio**. Morelia, Mich., Méx., UMSNH, Instituto de Investigaciones Históricas : Comunidad de Madrid, Consejería de Cultura y deportes, 2010.
- GONÇALVES Jr. Arlindo FerreiraHenr. A pessoa humana como protagonista da história ética na filosofia de María Zambrano. **Educação e Filosofia**. Uberlândia, v. 21, n. 42, p. 155-168, jul./dez. 2007.
- HENRIQUES, Fernanda, María Zambrano e as metáforas do coração, in Aavv. **Poiética do Mundo**. Homenagem a Joaquim Cerqueira Gonçalves, Lisboa, Edições Colibri, 2001, pp. 621-631. Republicada: 2012.
- HÖLDERLIN, Friedrich. **Elegias**. Trad. Maria Teresa Dias Furtado. Lisboa: Assírio e Alvim, 1992.
- MACHADO, Antônio. **Campos de Castela**. Trad. de Sérgio Marinho. Rio de Janeiro: Editora Caminhos, 2017.
- ORTEGA Y GASSET, J. **Meditações do Quixote**. São Paulo: Livro Ibero Americano, 1967.
- STEINER, G. **Antígonas: una poética y una filosofía de la lectura** [Antígonas. La travesía de un mito universal por la historia de Occidente] (trad. A. L. Bixio), Barcelona, Gedisa, 1987 [original en inglés: Antigones, New York, 1984] .
- TITUS, Ana, "Rincones y esperanzas". **Aurora: Papeles del "Seminario, María Zambrano"**. núm. 2. Barcelona, 2000, pp. 81-84
- TODOROV, Tzvetan. **Poética da prosa**. Tradução de Claudia Berliner. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- ZAMBRANO, María. **A metáfora do coração e outros escritos**. Trad. José Bento. Lisboa: Assírio & Alvim, 2000.
- _____. Delirio de Antígona. Laurenzi, E. **María Zambrano, nacer por sí misma**, Madrid, Horas y Horas, 1995.
- _____. **Filosofía y poesía**. 4. ed. México: F.C.E., 1996.
- _____. **Hacia um saber sobre el alma**. Buenos Aires: Losada, 2005.

Universidade Católica de Petrópolis
Centro de Teologia e Humanidades
Rua Benjamin Constant, 213 – Centro – Petrópolis
Tel: (24) 2244-4000
synesis@ucp.br
<http://seer.ucp.br/seer/index.php?journal=synesis>



COSTA, Solange Aparecida de Campos. O tempo do entremeio: a potência criadora da palavra poética em María Zambrano. **Synesis**, v. 12, n. 2, 2020. ISSN 1984-6754. Disponível em: <http://seer.ucp.br/seer/index.php/synesis/article/view/2025>
